



BRINCADEIRAS, BRINQUEDOS E AS MEMÓRIAS INFANTIS DOS VELHOS QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE EM CAMETÁ-PA¹

Alessandra Pereira de Carvalho Veloso ²
Orientadora do Trabalho – Nazaré Cristina Carvalho ³

RESUMO

O Texto “Brincadeiras, Brinquedos e as Memórias Infantis dos Velhos Quilombolas de Porto Alegre em Cametá-Pa”, está baseado na pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no período de 2017-2019. Teve como objetivo geral: analisar as brincadeiras de infância que surgem a partir das memórias de velhos (as) quilombolas de Porto Alegre, Cametá-PA. A pesquisa se constitui de um estudo qualitativo, com ênfase na história oral. Os sujeitos da pesquisa foram 08 (oito) velhos(as), que se constituíram como intérpretes de suas histórias de vida. Partimos da memória de infância para conhecer as brincadeiras infantis dos velhos(as) quilombolas de Porto Alegre, identificando os saberes presentes nessas brincadeiras. Os resultados apontam que muitas foram as brincadeiras vivenciadas e elas nos dão um panorama da infância dos sujeitos pesquisados, brincadeiras que permeadas de saberes perpassam pela cultura. Com este estudo, compreendeu-se os velhos como sujeitos de história e memória que se constituem nas relações com o outro e no espaço em que vivem. Reconhecemos os velhos enquanto colaboradores no processo criativo deste estudo e protagonistas nas análises e interpretações dos dados. Epistemologicamente, essa pesquisa buscou oferecer contribuições ao estudo do brincar, tendo como base os saberes culturais presentes na comunidade.

Palavras-chave: Memória. Velhos quilombolas. Brincadeiras de infância.

INTRODUÇÃO

Conhecer as brincadeiras de infância dos velhos quilombolas nos exigiu fazer uma análise sobre a importância das manifestações lúdicas. Ao longo do tempo, percebe-se como a sociedade foi influenciada pelos preceitos da racionalidade e muitas vezes não se apropriou dos diversos saberes que lhe circundam, como os saberes culturais, os saberes religiosos, os saberes do brincar, os saberes das experiências dos mais velhos.

¹ Texto baseado na Pesquisa de Dissertação de Mestrado “O Entrelaçar das Memórias de Velhos e as Suas Brincadeiras de Infância: Um Estudo na Comunidade Quilombola de Porto Alegre em Cametá / Pa”, defendida na Universidade do Estado do Pará (2019)

² Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Educação da Secretaria de Educação do Estado do Pará. carvalhoalessandra608@gmail.com

³ Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará n_cris@uol.com.br



Para realização da pesquisa, fizemos um levantamento prévio das pessoas mais velhas que estivessem disponíveis a participar e levamos em consideração os critérios de participação expressos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCL.

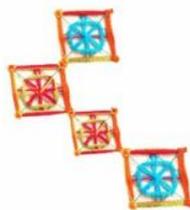
É válido esclarecer que nesta pesquisa os velhos foram considerados como intérpretes, visto que apresentaram suas próprias interpretações em relação a suas memórias do brincar, em relação à história da comunidade, em relação a suas histórias de vida. Assim, os velhos, ao narrar, se expressaram através da performance e da voz. Ao colhermos a vozes dos velhos, percebemos que estes são os intérpretes de suas memórias. Desse modo, o intérprete, segundo Zumthor (2010, p. 239), “é o indivíduo de que se percebe, na performance, na voz e no gesto, pelo ouvido e pela vista. Ele pode ser também compositor de tudo ou parte daquilo que ele diz ou canta”.

Consideramos os velhos como sujeitos de história e memória que constituíram suas identidades nas relações com os seus pares e no espaço onde vivem. A escolha em trabalhar com velhos não se deu por acaso, pois tenho como maior referência minha avó materna. A presença dos velhos e velhas em minha vida sempre foi algo comum, vivi cercada por eles – avós, avôs, tios-avôs. Assim, a escolha do objeto, também, se deu de forma natural; sou educadora, e a infância e as brincadeiras de infância sempre perpassaram por minha prática pedagógica. A brincadeira é algo que faz parte das nossas vidas em diversos momentos.

Levando em consideração que brincar é algo quase natural da criança, e que os velhos de alguma forma também brincaram durante a sua infância, esta pesquisa voltou-se ao seguinte problema de estudo: *Do que brincavam os(as) velho(as) quilombolas da comunidade de Porto Alegre, em Cametá-PA?* Para responder a esse questionamento, foram necessárias outras perguntas, como: quais brincadeiras surgem a partir da memória dos velhos da comunidade quilombola de Porto Alegre? Em que espaço e tempo essas brincadeiras aconteciam? Quais saberes se fazem presentes nas brincadeiras dos velhos quilombolas da comunidade de Porto Alegre?

O trabalho teve como Objetivo Geral: Analisar as brincadeiras de infância que surgem a partir das memórias de velhos(as) quilombolas de Porto Alegre, Cametá-PA.

E trouxe os seguintes Objetivos Específicos: Registrar as brincadeiras de infância dos(as) velhos(as) quilombolas da comunidade de Porto Alegre; Descrever o tempo destinado a brincadeiras e os espaços em que os velhos brincavam; Identificar quais



saberes se fazem presentes nas brincadeiras dos velhos quilombolas da comunidade de Porto Alegre.

Para chegar à comunidade quilombola de Porto Alegre, o acesso se dá pela Transcarnetá-Tucurí, Km 45, ramal de Porto Alegre, com duração em média de 1 hora de viagem, que pode ser feita no ônibus, que faz viagem para a localidade, ou carro ou moto particular. Segundo Pinto (2010, p. 76),

A povoação de Porto Alegre, segundo seus mais velhos habitantes, teria surgido, no final do século XVIII, com a vinda de algumas pessoas “que ainda conheceram a escravidão”, que viviam nas localidades de Puxa Regue, nas proximidades da povoação de Laguinho e Campo limpo. A maioria dos seus primeiros moradores procediam do Mola, antigo reduto, de negros fugidos.

Geograficamente, a localidade é cortada pelo Igarapé Anauerá. Durante muito tempo existiram conflitos em relação a que município a localidade pertencia, pois a estrada que leva até a comunidade corta o município de Oeiras do Pará. Segundo o IBGE (2010), o que define essa pertença é o igarapé Anauerá, que tem limites entre Cametá e Oeiras, assim, o que está à margem direita pertence ao município de Cametá, e à margem esquerda pertence ao município de Oeiras.

Imagem 01 – Vista de acesso à comunidade: ponte sobre o igarapé Anauerá



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, outubro de 2017

A comunidade é formada por 75 famílias, num total de 62 casas; a organização espacial é feita de forma circular tendo no centro o barracão comunitário, em volta algumas casas, a igreja e a escola.



Não se tem *a priori* uma data oficial e exata do surgimento do povoado de Porto Alegre. Pinto (2010) faz referência ao antigo quilombo de Mola, a partir do qual os negros teriam ido para outras localidades, onde não pudessem ser encontrados, e para que isso não acontecesse eles adentravam as matas para se esconder. Segundo Gomes (2006, p. 290),

Mais do que memória linear sobre a escravidão e quilombos, surgem, na história oral das comunidades do Baixo Tocantins, fragmentos de memórias que recuperam narrativas das experiências do pós-emancipação. Ali comunidades foram feitas e refeitas juntando tanto fugitivos da escravidão como remanescentes de cabanos, desertores militares e aqueles que fugiam do recrutamento militar do “Corpo de Trabalhadores” do Grão-Pará.

Ao mergulharmos no universo das memórias dos(as) velho(as) quilombolas de Porto Alegre, em Cametá- PA, trazemos as memórias do brincar a partir das “vozes” desses sujeitos singulares em história e memória.

METODOLOGIA

A pesquisa se constitui de um estudo qualitativo, com ênfase na história oral. “O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências, das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim uma história alternativa à história oficial” (FREITAS, 2006, p. 80). Lúcia Melo explicita que a pesquisa qualitativa “É aquela que se utiliza exclusivamente de técnicas qualitativas de pesquisa, aplicadas para captar ideias, atitudes, opiniões, sentimentos, expectativas e aspirações dos informantes acerca do objeto estudado” (MELO, 2017, p. 13).

A investigação qualitativa se propõe a responder questões reservadas às ciências sociais, assim, engloba significados que perpassam o espaço das relações humanas. As pesquisas que têm enfoque nos aspectos qualitativos não podem ter seus elementos reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os sujeitos da pesquisa foram 08 (oito) velhos(as), sendo 5 (cinco) mulheres e 3 (três) homens, que se constituíram como intérpretes de suas histórias de vida. Como recurso metodológico foram utilizados a observação, entrevista semiestruturada, conversas informais, visita domiciliar, registro fotográfico, filmagens e oficina recreativa. Destacamos que, no decorrer da pesquisa, eles foram identificados com seus nomes



próprios, visto que nos foi dada a devida autorização, compreendemos isso como uma forma de se auto afirmar, de validar suas memórias, perante os demais.

O uso de seus nomes próprios também favoreceu a autoafirmação de sua identidade racial quilombola, assim, ao se verem e verem seus nomes citados puderam sentir-se parte integrante dessa pesquisa. A pesquisa trouxe a importância da valorização dessa identidade, pois ao analisarmos a história das populações rurais negras no Brasil, percebemos que durante muito tempo esses foram deixados à margem da sociedade, a justificativa para isso era a necessidade dos trabalhos do negro como escravo.

Ao buscarmos criar uma aproximação com a realidade pesquisada, foi fundamental a combinação entre a teoria e a prática, essa foi uma atitude de constante busca, um processo inacabado. Portanto, os procedimentos adotados aqui não são entendidos como uma mera técnica empregada para trazer à tona questões não esclarecidas pelos textos escritos, e sim como uma metodologia fundamental que direcionou os procedimentos de coleta de dados ao longo do trabalho.

O uso do método da história oral foi determinante para estabelecermos a base fundamental deste estudo. Através deste método, adentramos no universo das memórias infantis dos velhos quilombolas moradores da comunidade de Porto Alegre. A inserção nesse universo foi possibilitada pelo método da história oral, cuja exigência implica numa postura investigativa em que se deve “ter olhos e ouvidos atentos” às histórias de vida dos sujeitos. Assim explicita Sônia Freitas: “O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências, das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim uma história alternativa à história oficial” (FREITAS, 2006, p. 80).

Para a interpretação e análise dos dados foram utilizados os pressupostos da análise de conteúdo. Realizamos um levantamento prévio das pessoas mais velhas que estivessem disponíveis a participar considerando os critérios expressos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCL.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para construir a teia teórica desta pesquisa, utilizei autores que são essenciais para construção da fundamentação teórica. No campo da temática do brincar e da infância, tomou-se por base as obras de Cristina Carvalho (2009; 2013), Philippe Ariès (1981),



Gilles Brougère (2010), Jacinto Sarmiento (2007), Johan Huizinga (2005), Gandhi Piorsky (2016), Willian Corsaro (2011), que tratam da importância do brincar como uma prática social. Para refletir sobre a memória, os autores Maurice Halbwachs (2003), Ecléa Bosi (1987) e Michael Pollak (1989), nos trazem reflexões sobre a memória individual, coletiva, as lembranças e histórias de velhos.

No campo da história oral, as obras de Alessandro Portelli (2016), Sônia Freitas (2006), Paul Thompson (1992), ofereceram base para compreender o que é a história oral e como desenvolver uma pesquisa sob essa ótica. Para discutir sobre os saberes culturais, as obras de Carlos Rodrigues Brandão (2002), Clifford Geertz (1989), Bernard Charlot (2000), deram suporte teórico. Para tratar a respeito da constituição das comunidades quilombolas no Brasil, mais precisamente na Amazônia, o referencial foi Vicente Salles (2004), Benedita Pinto (2004, 2009, 2010, 2013) e Flávio Gomes (2006), autores que possibilitaram o aprofundamento desses conceitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partimos da memória de infância para conhecer as brincadeiras infantis dos velhos(as) quilombolas de Porto Alegre, identificando os saberes presentes nessas brincadeiras. Os resultados apontam que muitas foram as brincadeiras vivenciadas e elas nos dão um panorama da infância dos sujeitos pesquisados, brincadeiras que permeadas de saberes perpassam pela cultura.

Para nos apropriarmos das brincadeiras, que são base imaterial da pesquisa, realizamos um processo longo de aproximação, de sensibilização, de escuta, de compartilhamento. Vários recursos foram utilizados, no sentido, de nos possibilitar colher as narrativas sobre o brincar. Trazemos as vozes dos velhos e velhas que foram colhidas, nas entrevistas, nas conversas informais, na visita domiciliar e na oficina recreativa. Conhecer as memórias e as brincadeiras de infância dos velhos quilombolas, trazer à tona essas memórias do brincar, exigiu ouvidos atentos. “A brincadeira infantil em seu conteúdo imaginário e narrativo parece se enriquecer grandemente com suportes variados e coerentes colocados à sua disposição [...]” (BROUGÈRE, 2010, p. 82).

Os velhos nos retrataram momentos que corroboraram com essa necessidade do reconhecimento da criança enquanto sujeito que foi trazido pelo movimento da sociologia



da infância. As lembranças dos velhos da comunidade de Porto Alegre se constituem como um emaranhado de experiências, saberes e vivências. Essas reminiscências se constituem naquilo que Halbwachs chama de “comunidade afetiva”. Essas lembranças se constituem em memória coletiva, surge de um sentimento de pertença a um determinado grupo.

Percebemos o quanto as memórias dos velhos se entrelaçavam com as memórias de outros, ao evocarmos essas histórias que nos remetem a um determinado tempo, no qual outros também compartilharam desta, surge a memória coletiva. A memória individual relaciona-se efetivamente com a memória coletiva. Segundo Halbwachs (2003, p. 72), “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. A respeito disso Bosi nos fala, “[...] A memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual sempre “fica” o que significa. [...]” (BOSI, 1987, p.27).

Este pensamento de Bosi (1987) indica que as imagens que “ficam” depois das situações vividas, formam a nossa memória. Ao buscar conhecer as memórias dos velhos, fez-se necessário uma articulação entre a história, a cultura local e a oralidade. O recurso da oralidade, permitiu conhecermos suas histórias. Com base nas questões analíticas, trazemos um panorama das brincadeiras vivenciadas pelos velhos, analisamos o brincar, a forma como eram organizadas e desenvolvidas essas brincadeiras, e as relações que eram estabelecidas entre o brincar e a cultura.

O brincar a partir da memória dos velhos trouxe consigo o passado. Compreendemos que a brincadeira foi também fundamental para o desenvolvimento infantil, possibilitou aos sujeitos relacionar-se com as outras crianças e adultos. Estas são amparadas na coletividade, e ao serem compartilhadas favorecem uma apropriação dos diversos conhecimentos. A respeito disso, Brandão coloca: “Sujeitos individuais ou coletivos desde suas práticas intencionam a redefinir as da educação, ou a própria educação como uma prática social (BRANDÃO, 2002, p. 152). As brincadeiras relatadas estão relacionadas ao universo cultural da comunidade. Assim no sentido de construir um panorama sobre as memórias e as brincadeiras infantis dos velhos quilombolas de Porto alegre em Cameté-PA, apresentamos abaixo a brincadeira rememorada por cada interprete:



Elízia Alexandrina (conhecida como Dona Guita)- **Brincadeiras** (*Dança do samba; brincadeira de roda; saltar n'água; histórias; festinha com bonecas; bolebole/paia.*); **Brinquedos** (*Boneca de pano; Boneca de vassoura de açai e de bacaba; Boneca de cabo de linha; Boneca de capim; Panelinha de barro; Panelinha de ouriço de sapucaia e castanha, Panelinha de lata de conserva; Paneirinho de envira; Colher de pau, Bola de miriti; Brinquedos da folha do anajá; Volta (cordão), brincos feitos do galho da maniva; Saia de folha de bananeira.*); **Cantigas** (*Vamos começar o samba*).

José Soares- **Brincadeiras** (*Bater bola; Correr um atrás do outro; Tocar clarinete na festa da Santa*); **Brinquedos** (*Fazer Mundé para pegar bicho no mato Bola de Miriti*)./ Paula Lobato- **Brincadeiras** (*Brincadeira de casinha; Pira esconde; Pimenta e sal; No Rio*); **Brinquedos** (*Panela de sapucaia; Fogão de lenha; Saia de folha de sororoca; Galho da maniva*); **Cantigas** (*Cantiga de samba*)./ Raimundo Soares (conhecido como Silvano)- **Brincadeiras** (*Banho no rio, Pira esconde; Bola*); **Brinquedos** (*Pião de madeira; Carrinho de lata de sardinha ou conserva*)./ João Correa- **Brincadeiras** (*Caçar lagarto no mato; Pira esconde; Correr um atrás do outro*) **Brinquedos** (*Arco e flecha; Bola de Miriti*).

Francisca Prestes (conhecida como Dona Xica)- **Brincadeiras** (*Barraquinha / Casinha; Banho de rio; Coava massa na casa de farinha; Brincadeira de imitar o trabalho dos pais*); **Brinquedos** (*Vasilhas feitas de barro e de sapucaia; Paneirinho de tala; Boneca de vassoura de açai; Galho da maniva, fazia a volta/ cordão*); **Cantigas** (*Cantigas do samba*)./ Maria Herundina- **Brincadeiras** (*Brincadeira de roda, de boneca; De casinha; De fazer comida; Brincadeira de Cunvidado; Brincar de fazer festividade; Pimenta e sal; Pira; Brincava de comercio juntava folhas e cascas no mato; Brincadeira de imitar o trabalho dos pais, plantar maniva*); **Brinquedos** (*Brinquedos de folha de inajá; Bonecas de pano, Saia de bananeira. Volta (cordão) do galho da maniva; Painelas de latas de sardinha e conserva; Panela de sapucaia; Boneca de pano e da vassoura da bacabeira; Rede pra boneca da casca da envireira*); **Cantigas** (*Sapatinho Branco; Passará, Passará*).

Altamira Machado- **Brincadeiras** (*Brincadeira de casinha; de Comidinha; Pira esconde; Pimenta e sal*); **Brinquedos** (*Panela de sapucaia; Fogão de lenha; Saia de folha de sororoca; Galho da maniva, fazia a volta/ cordão; Rede de cadilho de rede*); **Cantigas** (*Cantiga de samba*).



Os brinquedos relatados trazem uma infância permeada pela imaginação e criatividade, pois os sujeitos transformavam os elementos naturais em objetos brincantes. Estes não tinham cesso a brinquedos industrializados, pois naquela época isso era difícil, assim alguns velhos eram construtores dos seus próprios brinquedos. Ao brincarem com os brinquedos que eles próprios construíram atribuíam simbologias a eles, percebiam ludicidade em objetos que talvez antes de não servissem para brincar. Na comunidade de Porto Alegre, a relação do brinquedo e dos elementos da natureza se dão de forma estreita, pois esta sempre ofereceu elementos materiais que foram a base fundamental para construção dos brinquedos feitos pelos velhos/crianças daquela época.

Retomamos Brougère (2010), quando destaca que o brinquedo acaba tornando-se o iniciador da brincadeira. As vozes dos intérpretes sobre os brinquedos passam pela compreensão do significado lúdico atribuído pelos sujeitos a esses objetos. Os brinquedos criados e recriados pelos velhos eram peculiares a este espaço e confeccionados com diversos materiais. As imagens e a descrição dos brinquedos que apresentamos foram confeccionados na oficina recreativa denominada, “*Brinquedos e brincadeiras tradicionais da Comunidade Quilombola de Porto Alegre*”. Os nomes dos brinquedos foram atribuídas pelo(a)s próprio(a)s velho(a): Bole-bole, também chamada de paia, Pássaro Xincuã, Saia de folha de bananeira, Estrela simples, Estrela trabalhada, Lagarta, Relógio, Rosa, Tipiti, Corneta, Cachimbo, Panela de sapucaia, Ventarola, Carrinho de lata.

Imagem 02 – Brinquedos Tradicionais



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, abril de 2018



Destacamos também as cantigas ou brincadeiras de roda, que surgiram nas falas dos interpretes. “As brincadeiras de roda marcaram muitas infâncias, percorreram (e ainda percorrem) com as crianças os caminhos da ludicidade” [...] (CARVALHO et al., 2016, p. 179). Um dos saberes que precisa ser cada vez mais estudado e valorizado são os saberes presentes nas brincadeiras, que se manifestam na forma de desenvolver a criatividade, que despertam a alegria, afetividade, prazer.

As experiências do brincar se cruzam em diferentes tempos e lugares, são marcadas ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. Assim, os velhos se situaram no contexto histórico e social da comunidade, e de certa forma foram inclinados a reproduzir as atividades do cotidiano. Ao brincar, os sujeitos constroem valores, significados e incorporam a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelecem. Mas essa experiência é recriada a partir do que o sujeito traz de novo, com sua imaginação e produção da cultura. Huizinga percebe esse brincar “[...] como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos” (HUIZINGA, 2005, p. 6).

A perspectiva deste estudo está em consonância com aquilo que Santos (2010) propõem: verificar outras epistemologias que orientem as práticas pedagógicas e sociais, assim acreditamos que os saberes dos mais velhos estão ancorados nessas outras epistemologias que Santos apresenta. Registrar as memórias das brincadeiras a partir dos relatos de velhos e velhas se constitui nessas outras epistemologias.

Assim, os saberes presentes nas brincadeiras dos velhos quilombolas da comunidade de Porto Alegre são tão importantes quanto os demais. De acordo com Santos (2010, p. 54), “Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento que vão além do conhecimento científico”.

Nesta pesquisa, trazemos outro olhar sobre o fazer educação, estamos falando de uma educação que ocorre no cotidiano dos sujeitos, que ocorre na convivência, nos ensinamentos repassados, através do trabalho, do saber popular, da oralidade; estas se constituem práticas educativas que vão além da escola.



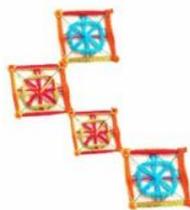
CONCLUSÕES

Com este estudo, compreendeu-se os velhos como sujeitos de história e memória que se constituem nas relações com o outro e no espaço em que vivem. Reconhecemos os velhos enquanto colaboradores no processo criativo deste estudo e protagonistas nas análises e interpretações dos dados. Epistemologicamente, essa pesquisa buscou oferecer contribuições ao estudo do brincar, tendo como base os saberes culturais presentes na comunidade. Os velhos de Porto Alegre, através do compartilhamento de seu brincar, também compartilhavam saberes vivenciados. O reconhecimento da importância do brincar e das memórias de velhos se constituem como um meio para promover a manutenção da cultura local, cultura essa tão essencial para a história dos sujeitos desse lugar.

A pesquisa revelou que o brincar nessa comunidade durante a infância desses sujeitos se dava de forma espontânea, mas não de maneira acidental, pois vivenciavam os diferentes brincadeiras a partir da sua imaginação. Em suas falas, percebemos a realidade vivida na qual baseavam-se para criar uma espécie de universo à parte, no qual o imaginário prevalecia. Conhecemos o repertório lúdico dos velhos, que agrega também as cantigas de roda, e ao se recordarem como brincavam, emergiu a lembrança da troca de experiência. Assim, os intérpretes, ao compartilharem as brincadeiras com os demais sujeitos, construíam relações de amizade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BRANDÃO, C. R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CARVALHO, Nazaré Cristina. Artimanhas do Brincar de Crianças Ribeirinhas. In: Fares, Josebel Akel; Rodrigues, Venize Nazaré Ramos (Orgs.). **Sentidos da cultura**. Belém: Eduepa, 2013, p. 209-279.



_____. Saberes Culturais e Memória: o cotidiano da criança ribeirinha. **Anais do ENDIPE**, 2009.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOMES, Flávio. “No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses, negros, memória e pós-emancipação na Amazônia. **História Unisinos**. Setembro/ Dezembro, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. Ed. Perspectiva. 2005.

MELO, Lúcia. **Oficina de Técnicas de Pesquisa Científica**. Textos selecionados. CCSE – UEPA. Belém-Pará-Brasil, 2017.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas das Matas**: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. -São Paulo: Peiropólis, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SALLES, Vicente. **O negro na formação da sociedade paraense**. Textos reunidos/ Vicente Salles. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: _____; MENESES, M. P. (Orgs). **Epistemologia do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.